

Brasília: o fim da sonolência no Brasil

Adirson Vasconcelos

Quando Brasília estava sendo construída, no final da década de 50, o principal partido de oposição ao governo Kubitschek, a UDN — União Democrática Nacional, levantava uma tese nacional de que a transferência da Capital Federal para o Planalto de Goiás era uma improvisação, uma utopia de Juscelino.

Prontamente, o presidente JK veio a público para justificar que Brasília não era uma improvisação e, sim, um sonho de várias gerações de brasileiros e que se tornava uma realidade pela vontade, pelo trabalho e pela tenacidade de um povo inspiado em ideais de esperanças no futuro do País.

E tinha o presidente Juscelino razões suficientes para defender Brasília como uma realidade amadurecida no pensamento nacional ao longo dos tempos.

Tirantes, ao pregar os ideais da Inconfidência Mineira, desejava uma República com uma Capital no interior do País. E ainda no tempo do Brasil Colônia, o propósito de mudança da Capital para as regiões interioranas se constituiu proposta de Hipólito da Costa, fundador do jornal **CORREIO BRAZILIENSE**, e de José Bonifácio, tendo este sugerido até o nome para a nova capital: Petrópole ou Brasília.

E ao longo do Brasil Império muitas outras vozes clarividentes sustentaram a mesma tese, destacando-se principalmente os estudos do historiador e

diplomata Francisco Adolfo de Varnhagen, o qual chegou até a visitar o local que indicava para sítio da nova Capital: o território entre as lagoas Feia, Formosa e Bonita. Não menos significativo foi o Sonho Profético de Dom Bosco, indicando o surgimento de uma cidade entre os paralelos 15 e 20, à beira de um lago, e de onde nasceria uma nova civilização no 3º milênio.

Com a República, logo a primeira Constituição consagra o princípio da mudança da Capital Federal destinando uma área de 14.400 quilômetros quadrados no Planalto Central goiano, território que a Comissão Cruls, por determinação de Floriano Peixoto, escolheu e demarcou e a fixou no Mapa do Brasil, em 1903. Outras duas constituições, principalmente a de 1946, consagraram o princípio da transferência da Capital, e duas outras comissões técnicas — Polli Coelho e José Pessoa — ratificaram as conclusões Cruls. E muitos brasileiros clarividentes defenderam insistentemente este ideal de várias gerações de brasileiros.

As experiências internacionais de Washington, Camberra e Otawa e de outras cidades especialmente edificadas para Capital de seus respectivos países eram exemplos marcantes e suficientes.

No caso brasileiro, a transferência da Capital Federal para o Planalto Central, a par de todas as vantagens que a experiência internacional oferecia — de segurança nacional, de eficiência administra-

tiva, de unificação nacional, de equilíbrio político etc —, o grande sentido de integração e ocupação de cerca de dois terços do território nacional — o interior central — antes desabitado e desértico com um índice demográfico abaixo de 1 habitante por quilômetro quadrado.

E com Brasília, no Planalto Central do País, a partir de 1960, o povo brasileiro deu ao mundo uma demonstração de sua fé, da sua capacidade de trabalho e da sua confiança nos destinos da própria Pátria. Dava-se início a uma Nova Era na História do Brasil, com o “gigante pela própria natureza” dando sua arrancada, encontrando-se a si mesmo no seu interior, para dinamizar um celeiro de imensas riquezas telúricas, que ainda se encontravam em estado potencial, inerte e sonolento. As estradas Brasília-Acre, Belém-Brasília, Brasília-Cuiabá e Brasília-Fortaleza — partindo todas de Brasília — integraram e promoveram o desenvolvimento do Brasil interior.

Eram, assim, lançados, na antevisão de Hipólito José da Costa, no **CORREIO BRAZILIENSE** de 1813, os “fundamentos do mais extenso ligado, bem defendido e poderoso império que é possível exista na superfície do globo”.

E um homem de vontade inquebrantável entrava na imortalidade, na História do seu País e da humanidade: o presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira. Litoral e interior uniam-se no coração do

território brasileiro, onde nascem os grandes rios, e, com Brasília, as grandes estradas. As rodovias, as ferrovias e a aviação ganhavam um ponto central e equidistante do todo nacional. A marcha para o Oeste e para a Amazônia tornara-se uma realidade. Brasília, nestas três décadas, integrou o interior ao Brasil.

A exemplo da caminhada de 40 anos que Moisés empreendeu até Canaã, Brasília vê passar nestes 40 anos que medeiam a data de sua inauguração, em 1960, até a chegada do ano 2000, a depuração de sua raça, com o desmascaramento e a condenação dos indignos, até o despontar de uma nova geração purificada, formada por um novo tipo étnico miscigenado dos diversos brasis que se integraram em Brasília, e desta nova geração despontará a “nova civilização” profetizada por Dom Bosco para o ano 2003 e quando se haverá também de cumprir as palavras que nos foram ditas pelo presidente Juscelino dois meses antes do seu falecimento:

— Adirson, Brasília será a Capital do Terceiro Milênio. Viva e verá.

Adirson Vasconcelos é historiador de Brasília e presidente do Instituto Histórico e Geográfico do DF. É também advogado, administrador de empresas, jornalista e professor de História licenciado da UnB.